



**UNIVERSIDADE DE BRASILIA – UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO –**  
**LET**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS JAPONÊS – LÍNGUA E**  
**LITERATURA**

**ÁLEX IGOR GALVÃO DE CARVALHO**

**UMA VISÃO DIALÓGICA DA EDUCAÇÃO E DOS OBJETIVOS DO**  
**ENSINO LITERÁRIO.**

**BRASILIA – DF**

**2021**

**ÁLEX IGOR GALVÃO DE CARVALHO**

**UMA VISÃO DIALÓGICA DA EDUCAÇÃO E DOS OBJETIVOS DO  
ENSINO LITERÁRIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado pelo Curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília - UnB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Kimiko Pinheiro

**BRASÍLIA - DF**

**2021**

**ÁLEX IGOR GALVÃO DE CARVALHO**

**UMA VISÃO DIALÓGICA DA EDUCAÇÃO E DOS OBJETIVOS DO  
ENSINO LITERÁRIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção do título de Licenciado pelo Curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília - UnB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Kimiko Pinheiro

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kimiko Pinheiro Uchigasaki – Universidade de Brasília  
(Orientadora)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yuko Takano – Universidade de Brasília  
(Examinador)

Prof. Wanderson Tobias Rodrigues – Universidade de Brasília  
(Examinador)

## RESUMO

Este trabalho tem como base uma visão dialógica bakhtiniana, que busca refletir os aspectos educacionais e do ensino da literatura, sua importância e relevância na vida e transformação do ser. A literatura como uma matéria de fundamental importância dentro do meio acadêmico e principalmente nos cursos de letras, não só como um difusor cultural da língua estudada, mas também como fonte do pensamento autóctone de um povo em determinado contexto cultural e social. Através da análise prática de leitura cênica da dramaturgia de Yukio Mishima (Traveseiro dos sonhos) no curso de extensão idealizado e coordenado pela Professora Kimiko Pinheiro, observar se há uma possibilidade de proporcionar um desenvolvimento dialógico do pensamento crítico dos educandos participantes da atividade. Assim, refletir sobre o papel do ensino da literatura dentro do curso de Letras Japonês, bem como na educação, não só em sua importância histórica e linguística, mas em seu contexto social e seu papel no desenvolvimento humano de um pensamento crítico e livre. Este trabalho visa também ponderar nosso papel enquanto educadores e o ambiente de sala de aula, corroborada pela visão de outros autores presentes na educação, como Paulo Freire e bell hooks.

**Palavras-chave:** Literatura, Dialogismo, Bakhtin, Leitura cênica, Educação.

## **ABSTRACT**

This work is based on a bakhtinian dialogic vision, which seeks to reflect the educational and teaching aspects of literature, its importance and relevance in the life and transformation of the being. Literature as a subject of fundamental importance within the academic world, not only as a cultural diffuser of the studied language, but also as a source of unique thought of a people in a given cultural and social context. Through the practical analysis of scenic reading of Yukio Mishima's dramaturgy in the extension course, guided by the professor e coordinator Kimiko Pinheiro, seek to note if there is a possibility of providing a dialogical development of critical thinking of students participating in the activity. Thus, to reflect on the role of literature teaching within the Japanese Language course, as well as in education, not only in its historical and linguistic importance, but in its social context and its role in the human development of free and critical thinking. This work also aims to consider our role as educators and the classroom environment, corroborated by the view of other authors present in education, such as Paulo Freire and bell hooks.

**Key-words:** Literature, Dialogism, Bakhtin, Scenic reading, Education.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 Estruturação do Trabalho.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>9</b>
<b>1.3 Objetivo Geral.....</b>	<b>10</b>
<b>1.4 Objetivos Específicos.....</b>	<b>10</b>
<b>1.5 Perguntas de Pesquisa.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Capítulo 1</b>	
<b>2.1 Contexto Histórico.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O Dialogismo na educação e na literatura.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 As novas tendências na educação brasileira atual.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Interdisciplinaridade e pluralidade da Literatura.....</b>	<b>21</b>
<b>3. Capítulo 2</b>	
<b>3.1 A leitura cênica.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 Yukio Mishima: Autor e obra.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3 A peça <i>Kantan</i> (Travesseiro dos Sonhos) .....</b>	<b>31</b>
<b>3.4 Observações Práticas da Leitura Cênica da Peça <i>Kantan</i>.....</b>	<b>36</b>
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>40</b>
<b>5. Bibliografia.....</b>	<b>42</b>

## 1. Introdução

Educar é um verdadeiro desafio na vida de qualquer professor, ao longo do tempo diversas teorias e abordagens foram construídas visando sempre qual a melhor maneira de se obter resultados no campo educacional.

Dentre todas essas visões e propostas das quais promoveram evolução e desenvolveram diversas áreas como psicologia da educação e a pedagogia, alguns autores desenvolveram uma visão da educação que transpassa o escopo escolar e o ambiente de sala de aula, trazendo uma visão de educação para a vida e como processo humanizador e libertador do homem enquanto indivíduo social.

O dialogismo de Bakhtin, corroborado por outros pensadores como Paulo Freire e bell hooks no Brasil, inspirou um pensamento na educação mundial e brasileira que propõe uma maior reflexão sobre o papel do professor e até mesmo da educação como um todo, não se pode definir a educação como uma simples transferência do saber, onde há uma posição de superioridade (o professor) que despeja seus conhecimentos e experiências sobre um inferior (o aluno) que deve por sua vez absorver este conhecimento e então processar e reproduzir este conhecimento.

Observamos a educação como um processo social de troca baseada no seu contexto. Portanto, a ideologia presente, a política e as crenças em geral da sociedade são formadas com base na troca de informações dos sujeitos inseridos nela, sendo por consequência moldados e moldando constantemente essa realidade que os cerca. Deste modo, a educação tem um papel fundamental de situar este indivíduo ao lugar que ocupa na sociedade, compreendendo os processos que influem sobre ele e podendo através da atitude reflexionada compreender a si e seu contexto.

O homem dialoga o tempo todo com a realidade que o cerca, ao mesmo passo em que é transformado por ela tem capacidade de a transformar, formando assim um fluxo dialógico infinito que constrói o pensamento humano. O homem só se encontra livre nessa realidade quando tem a capacidade de perceber as influencias que o molda e refletir criticamente sobre seu agir,

passando assim a contribuir para uma melhora geral da sociedade e sua evolução.

Paulo Freire, um dos mais importantes educadores brasileiros, examina em seu livro “*Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*” (1979), esse aspecto da educação e o seu papel central na vida do indivíduo e sobre a necessidade dessa reflexão sobre o meio e o contexto em que estamos inseridos. Nas palavras do autor:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se) (FREIRE, 1979, p.19).

Portanto, o ensino pode ser planejado para priorizar uma melhora de vida, ter um significado na vida do indivíduo, maior do que somente a transmissão do conhecimento, mas sim uma característica humana, de desenvolvimento pessoal, intelectual e de sensibilidade.

### **1.1 Estruturação do Trabalho**

O trabalho está dividido em dois capítulos, possuindo itens que demarcam sua extensão e orientam o leitor a buscar pelos temas desejados.

No primeiro capítulo há a apresentação do contexto histórico em que as teorias dispostas neste trabalho foram formuladas por Bakhtin e de como esse contexto influenciou e gerou inspirações para a construção do texto.

Neste capítulo são trabalhadas as teorias do dialogismo desenvolvidas por Bakhtin e por seu círculo de amigos intelectuais e de como estas teorias podem ser abordadas em relação ao ensino, bem como a presença de outros autores que discutem sobre a educação libertária, como Paulo Freire e bell hooks que contribuíram para a elaboração desta pesquisa.

Além disso o primeiro capítulo aborda a importância da literatura para a vida do indivíduo e de como esta representa um papel fundamental na educação e desenvolvimento do mesmo.



No segundo capítulo é abordada a leitura cênica, como ela é constituída, trabalhada e uma visão de como essa leitura cênica pode dialogar com o leitor e o contexto no qual ele está inserido.

O segundo capítulo segue com uma exposição do autor japonês Yukio Mishima e de sua peça *Kantan* (Travesseiro dos Sonhos) que foi trabalhada em um projeto de extensão de leitura cênica. Há uma descrição desse projeto de extensão e como podemos observar os aspectos dialógicos na prática da leitura cênica desta atividade.

## **1.2 Justificativa**

A motivação que levou a escolha deste tema foi a reflexão sobre o papel que a educação e a literatura inferiram em minha trajetória escolar e acadêmica, bem como a capacidade que estas tiveram de mudar minha visão e me impactar diretamente, me inspirando a seguir profissão docente que almejo alcançar.

A literatura sempre se apresentou para mim como uma grande aliada do saber e da construção do conhecimento, e como apreciador desta arte passei a refletir sobre quais aspectos deveríamos ver e estudar a literatura.

Creio que a leitura de diversas obras e autores diferentes me tocaram sensivelmente ao ponto de promover mudanças no meu pensamento e visão de mundo. Se a literatura tem este poder e capacidade de humanizar o homem, transferindo-o sensibilidade e reflexão crítica, ela é, portanto, de suma importância na vida de todos, enquanto estudante e cidadãos.

Ao me deparar com as teorias de Bakhtin e os textos de Paulo Freire não tive dúvidas que esta era a linha de pesquisa que gostaria de seguir, por acreditar que a educação é um processo social com capacidade de mudar e transformar a sociedade e o mundo ao nosso redor, assim como a literatura.

Da mesma maneira, penso que este trabalho possui grande relevância para a área educacional e para a valorização da literatura como arte e expressão do pensamento humano.

Espero através das reflexões aqui mediadas, de alguma maneira influenciar positivamente futuros professores a buscarem uma reflexão sobre suas práxis e sua atitude pedagógica.

### **1.3 Objetivo Geral**

Este trabalho tem como objetivo geral lançar uma reflexão sobre o porquê de se ensinar literatura, tendo como base uma visão dialógica de Bakhtin, considerando a literatura como uma área do conhecimento humano diversa, interdisciplinar e com capacidade de promover mudanças no indivíduo enquanto ser social. Deste modo, esta pesquisa visa também estabelecer reflexões e elucidar questões como papel da educação na vida do homem e sua capacidade transformadora.

A partir da observação da proposta de leitura cênica da peça *Kantan* (Travesseiro dos sonhos), oferecida aos alunos da graduação em curso de extensão, buscar refletir como essa experiência pode estabelecer o processo dialógico e interdisciplinar no desenvolvimento dos estudantes-participantes ao fazer a leitura da peça e se apropriarem dos discursos que surgem dentro da sala de aula.

### **1.4 Objetivos Específicos**

- Esta pesquisa visa estabelecer reflexões e elucidar questões como papel da educação, da literatura e do professor na vida do homem.
- Analisar as teorias de Bakhtin sobre o dialogismo e a contextualização do ensino, corroborada pela visão de demais pensadores.
- Estabelecer uma constatação prática da possibilidade do ensino dialógico e interdisciplinar por meio de observações ao projeto de extensão de leitura cênica da peça *Kantan*, Travesseiro dos sonhos de Yukio Mishima.

### **1.5 Perguntas de pesquisa**

Com base nos objetivos acima estabelecidos, procuro responder as seguintes perguntas neste trabalho:

- Qual o objetivo e a importância de se estudar literatura e como podemos refletir sobre esta prática?
- Como podemos através das ideias dialógicas de Bakhtin propor uma reflexão sobre nosso papel como professores e do ensino de literatura?
- A leitura cênica pode possibilitar um ensino dialógico e interdisciplinar?

## **Capítulo 1**

Neste capítulo será abordado o contexto histórico em que as teorias propostas neste trabalho se desenvolveram e foram ampliadas pelo círculo de Bakhtin, bem como uma visão de como estas teorias podem ser adotadas na educação brasileira, utilizando o dialogismo e a literatura para atingir um ensino interdisciplinar e libertador aos alunos.

Além disto, discutirei um pouco sobre as novas tendências educacionais brasileiras que vem surgindo em meio a visão mercadológica e ideológica do atual governo brasileiro (2021), que ameaça a educação e as ciências humanas.

### **2. Contexto Histórico**

Mikhail Bakhtin, nascido no final do século XIX na Rússia, observou de perto o seu país natal passar por grandes mudanças políticas e históricas. A revolução de 1917 promovida por Lênin, apresentou ao mundo uma ruptura com o modelo capitalista de sociedade até então adotado, levando a filosofia e ideias marxistas para a administração de uma nação.

Bakhtin era de uma família aristocrática em decadência e isso lhe proporcionou logo desde cedo a conviver com a arte e grandes pensadores. Mais tarde durante seus estudos, reunia amigos e pensadores para escrever e debater os mais variados temas, o que ficou conhecido como círculo de Bakhtin e produziu grandes obras e pensamentos dos quais referenciamos ainda hoje.

Bakhtin provavelmente também se influenciou pelos princípios filosóficos do materialismo dialético de Karl Marx (1818-1883), suas teorias literárias e linguísticas tinham como base os mesmos princípios adotados nestas correntes de pensadores Marxistas, que consideravam que o caminho natural da sociedade é sempre o embate de classes e principalmente de ideologias, sendo essa troca constante e dialógica.

A partir desse princípio, começa a formular suas teorias sobre a educação e principalmente sobre a literatura. Estabelecendo uma reflexão e ruptura com as ideologias massificantes que não promoviam pensamento autônomo e livre ao homem, este deveria ser, portanto, o papel da educação, conscientizar e fazer o homem perceber a realidade em que está inserido.

Não é interessante que enxerguemos a literatura apenas como uma ferramenta ou meio para este fim proposto, a literatura é abrangente, como a própria extensão do intelecto do homem, sendo assim, a literatura também é um processo de produção de conhecimento e socialização do saber.

A literatura, como veremos adiante neste trabalho, é também um espaço de encontro social, onde diálogos entre autor e leitor são produzidos e geram conhecimento, tudo está conectado e a literatura abrange um mar de possibilidades e encontros.

## **2.1 O Dialogismo na educação e na literatura**

O dialogismo, principal teoria do filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin, estabelece algumas reflexões quanto a sociedade, a educação, a literatura e a maneira como o conhecimento é produzido. Para Bakhtin, a língua tem a capacidade de ser dialógica, isto é, estabelecer um processo interacional entre os enunciados proferidos no discurso. O sujeito ao se deparar com o enunciado proferido por outro sujeito, pode concordar, discordar e complementar este enunciando, essas possibilidades de participação geram, portanto, uma interação viva que constrói uma síntese desta interação e que futuramente estrará em embate com outro enunciando e se transformará novamente, gerando um processo infinito.

Estes enunciados e as maneiras como são proferidos também são afetados pelo contexto social, cultural, político e econômico do qual o falante ou autor está inserido. Assim sendo, o estudo de Bakhtin também visa como a linguística é também um estudo das ideologias.

Para Bakhtin, a produção do enunciado está envolta destes processos citados e será fortalecida pelas ideologias dominantes que determinarão as tendências do pensamento humano.

Conforme nos diz o autor Robert Stam em *Bakhtin, da teoria literária a cultura de massa* (1992): “Para Bakhtin, a linguagem é um campo de batalha social, o local onde os embates políticos são travados tanto publica quanto intimamente. A linguagem e o poder vivem numa interseção permanente” (STAM, 1992, p. 31).

Para pensarmos a educação nesse sentido dialógico, esta pode ser conscientizadora desse processo ideológico e buscar por meio do dialógico, estabelecer conexões entre o conhecimento e a realidade do estudante, possibilitando-o entender os processos históricos e sociais que os conduzem e os influenciam.

A escola representa um ambiente de vivências e experiências compartilhadas, tendo diversos estudantes, cada um com sua voz, contexto e história, inseridos em um mesmo meio, tornando-se um campo propício para o desenvolvimento desses alunos. Através de uma mediação do professor, podem compreender o mundo que os cerca e se tornarem conscientes de seu papel enquanto educandos.

Por meio desta consciência então, o sujeito passa a ter a capacidade de pensar criticamente, podendo gerar uma resposta ao seu meio e buscar mudanças, sejam elas sociais ou de caráter pessoal, não sendo mais apenas um mero expectador de sua vida e sim protagonista e consciente.

Os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem. Afirma Bakhtin que "não se pode realmente ter a experiência do dado puro" (BAKHTIN, 1993, p. 32). Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo. Como se vê, se não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem. (BRAIT, 2006, p.167)

Portanto, a relação que construímos com a realidade não é dotada de reflexão própria e sim construída através da interação que temos com o outro, que por sua vez já é proveniente de outra interação e relação dialógica. Temos assim uma visão fragmentada, que é semiótica e vigora a ideologia das classes dominantes que atribuem os significados.

Esta teoria de Bakhtin, sobre como os enunciados interagem, há muita relação com seus estudos sobre a filosofia Marxista e a ideia do materialismo histórico e dialético, onde há um embate das classes sociais. Através deste confronto há sempre a produção de uma síntese que depois novamente entrará

em disputa com uma antítese e assim por diante. Para Bakhtin, a linguagem e a construção do sentido se dá da mesma maneira.

Bakhtin expõe bem a necessidade de uma abordagem marxista da filosofia da linguagem, mas ele aborda, ao mesmo tempo, praticamente todos os domínios das ciências humanas, por exemplo, a psicologia cognitiva, a etnologia, a pedagogia das línguas, a comunicação, a estilística, a crítica literária e coloca, de passagem, os fundamentos da semiologia moderna. Aliás, ele possui de todos esses domínios uma visão notavelmente unitária e muito avançada em relação a seu tempo. (BAKHTIN, 1981, p.9)

Não é de se estranhar que, conseqüentemente, as teorias Bakhtinianas e de seu círculo, tenham sido resgatadas para refletir a educação e pensar como esse processo dialógico se comporta no contexto escolar em que os alunos estão inseridos.

Consideremos que a educação tem fundamentalmente como objetivo libertar o homem das amarras da ignorância, promovendo bem-estar e realização individual, como proposta por Paulo Freire no Brasil e por Bakhtin na Rússia. Portanto, a educação, por consequência, reflete na sociedade como um todo, desde o sujeito individual e único como no coletivo social.

A educação para atingir esse objetivo necessita além de investimentos financeiros e apoio estatal no sistema educacional, mas também de uma total reformulação da visão da prática docente e do ambiente escolar, para que o desenvolvimento adequado de alunos e professores seja possível.

Em nossa vida um dos primeiros ciclos de desenvolvimento não familiar que temos contato é a escola, ambiente este projetado para o desenvolvimento das habilidades das crianças. Mas por vezes esquecemos que cada um destes indivíduos que chegam a escola partilha de características distintas entre si, vivem em uma sociedade desigual que não oferece o mesmo ponto de partida para todos e assim sendo se desenvolvem diferente.

Os diferentes contextos destes alunos acarretam em estímulos diferentes ao seu aprendizado, os alunos possuem o que se chama de “capital cultural” distintos. Isto é, os ativos sociais, como o intelecto, acesso a cultura e bagagem educacional da família, estão distribuídos desigualmente, devido a sociedade

estratificada e capitalista em que vivemos, sendo assim a realidade e o acesso à educação já são distintos entre as classes sociais desde o início da vida.

Estas diferenças, mais tarde, durante o período de aprendizagem e desenvolvimento da criança ficam ainda mais evidentes. Em uma sociedade estratificada em que há enormes diferenças econômicas entre as classes sociais, o acesso da criança ao saber também é definido por essas diferenças, bem como a maneira que a sociedade e a família ao redor dessa criança enxergam a educação.

Se pensarmos quanto a essas diferenças, claramente perceberemos que a educação não pode ser desassociada da realidade em que os alunos estão inseridos. Afinal, contextos diferentes geram indivíduos diferentes, possuindo cada um necessidades distintas, bem como aptidões distintas, não cabendo simplificar o processo educacional como uma simples transmissão vertical de conhecimentos previamente selecionados.

A educação necessita ser plural e dialógica, valendo-se da criatividade, da interdisciplinaridade e da reflexão crítica de seus agentes, considerando que professor e aluno estão inseridos em um mesmo contexto educacional e também são partes conjuntas e indissociáveis desse processo de formação do conhecimento. Portanto, a educação necessita ser vista como horizontal e distributiva, isto é, que consiga implicar nos educandos e nos educadores uma visão transformadora da sociedade como um todo.

Bakhtin talvez tenha sido o autor que mais contribuiu para o estudo de como o diálogo e essa troca de experiências, discursos e sujeitos que enunciam sua voz, produzem uma construção conjunta que transformam os entes envolvidos nesta troca, como estes diálogos são permeados pelo contexto ideológico social em que estão inseridos e assim por diante.

Na teoria Bakhtiniana dialógica, a educação necessita valorizar o indivíduo enquanto singularidade, único e dotado de capacidade de transformação, reflexão e crítica da realidade. O processo educacional baseia-se, portanto, em conduzir esse indivíduo ao acesso do todo que o cerca e não uma crença limitante levada pela ideologia.

Sobre a ideologia, para Bakhtin ela está baseada nos princípios filosóficos do materialismo histórico dialético de Karl Marx. Há o entendimento que existe uma ideologia dominante que pertence a classe social dominante e há o oprimido que é influenciado por essa dominação ideológica, pois esta coincide com a dominação dos signos linguísticos, do qual o indivíduo utilizará para atribuir significado em suas relações e compreensão do mundo.

“Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua.”  
(BAKHTIN, 1981, p.10)

A educação deve ser então, ser uma maneira de libertar o homem, acordar e lhe dar capacidade de entender a sociedade na qual está inserido e definir os rumos de sua própria vida a partir dessa visão crítica, tendo autonomia e conhecimento de si mesmo.

Em Marxismo e filosofia da linguagem, Bakhtin oferece um relato abrangente daquilo que denomina ‘Translinguística’ uma teoria do papel dos signos na vida e no pensamento humano, e da natureza do enunciado da linguagem. (...) Bakhtin considera a linguística uma parte do estudo das ideologias, pois o domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos. Para Bakhtin, a consciência só existe na medida em que se concretiza através de algum tipo de material semiótico, seja sob a forma de discurso interno, seja no processo de interação verbal com os outros.  
(STAM, 1992, p.30)

Portanto, a consciência, seja ela de classe ou de si, enquanto indivíduo inserido na sociedade, só vai se estabelecer quando há uma troca dialógica sendo realizada. Essa troca pode ser interna a partir da reflexão de si e pode ser exterior na troca de informações com os demais entes sociais, bem como a leitura de obras literárias que também configuram uma troca dialógica entre autor e leitor.

Trazendo o dialogismo diretamente para a área educacional, Bakhtin propõe que indivíduo e sociedade são elos inseparáveis que a todo tempo trocam entre si informação, realizando um ciclo infinito onde o um altera o todo, assim como o todo altera o um.



Este elo sendo de fato indestrutível impõe, portanto, que as características do meio em que estamos inseridos seja levada em consideração no ato de educar.

Nas palavras do próprio autor:

Eu me conheço e chego a ser eu mesmo só ao me manifestar para o outro, através do outro e com a ajuda do outro. Os atos mais importantes que constituem a autoconsciência se determinam por relação a outra consciência... E todo o interno não se basta por si mesmo, está voltado para o exterior, está dialogizado, cada vivencia interna chega a colocar-se sobre a fronteira, se encontra com o outro, e neste intenso encontro está toda a sua essência... O mesmo ser do homem, tanto interior como exterior, representam uma comunicação profunda. Ser significa comunicar-se. (FARACO, 2001, p.154)

Para Bakhtin, portanto até mesmo a maneira como nos apresentamos exteriormente provém de um profundo diálogo com nosso interno e a consciência só será produzida quando esta se depara, confronta e dialoga com a consciência do outro. Por óbvio, esta relação dialógica e formação da consciência também está presente em sala de aula e nas trocas constantes de saberes entre professor e aluno.

A própria consciência, para Bakhtin, é linguística, e, portanto, social. Num exagero provocador, ele afirma que “a consciência é uma ficção”. Porém faz essa afirmação não no sentido do marxismo economicista – para o qual o “real” é a base econômica – mas sim no sentido de que a consciência só existe sob forma semiótica material, e neste sentido é um fato objetivo e uma força social (STAM, 1992, p.33)

Portanto a conscientização, como objetivo educacional, também provém de um processo dialógico interno e externo, que se dará no contexto escolar e social do aluno.

Esta não é uma tarefa fácil, tanto para o professor ciente de seu papel, como para o aluno que toma consciência de sua real situação, mas é necessária. Através dessa mudança que podemos pensar uma sociedade consciente do processo histórico, ideológico que preenche seu imaginário e dita o rumo que estamos tomando. Uma vez feita essa reflexão e adquirindo este olhar crítico, passa o indivíduo a ser um agente da mudança social, que toma para si as rédeas de sua vida e de seu pensamento intelectual para transformar a sociedade, assim como é transformado por ela a todo momento.

Afinal, educar, ler, escrever, todas essas ações são sempre atos sociais e são inseparáveis do todo, há sempre uma troca sendo realizada quando promovemos qualquer situação interacional do pensamento, provém de nossas próprias experiências e reflexões, bem como dos autores, leituras, professores e sociedade que influenciou neste pensamento.

Esse diálogo que estabelecemos pode ocorrer inclusive internamente, a maneira como nos interpretamos e refletimos nossos próprios pensamentos, atribuindo novos significados e uma visão de si mesmo que ajuda o indivíduo a se situar em seu local no mundo e na sociedade.

O diálogo entre o professor e o aluno dentro da sala de aula pode constituir uma parte maior e mais importante do que compreendemos em um primeiro momento, ambos se constroem e reconstroem a todo momento durante essa troca de experiências que a docência possibilita. São dois universos enunciando múltiplos discursos que dialogam entre si e produzem algo novo e assim se segue esse contínuo.

A literatura neste conceito educacional pode e o faz, dialogar com o leitor, inculcando neste o pensamento crítico, a ampliação da visão de mundo, o acesso a cultura, a arte e a filosofia. A literatura é uma extensão do intelecto do homem, disposta nos mais variados temas e faculdades da mente, é justo dizer que o autor dialoga conosco leitor a todo momento, influenciando em nosso pensamento.

A partir da leitura de uma obra, há um diálogo que é estabelecido entre autor e leitor, gerando novas ideias e interpretações sobre o texto e estas seguem adiante junto ao leitor, seja para critica-lo ou apoia-lo, mas fará parte de um novo enunciado gerado a partir da leitura.

O conhecimento é produzido nessa troca constante dialógica, os pensamentos de um autor conseguem penetrar a reflexão crítica do leitor e modificar sua visão de mundo, assim como as demais matérias e áreas do saber humano constituem-se nessa relação dialógica, assim também o faz a literatura.

Ler ativa nossa mente, nossos sentimentos, sensibiliza e nos confronta ao mesmo tempo, quase como um convite para que se adentre em seu mundo e

seja capaz de também produzir, contrapor ou somar ideias com a do autor. A literatura é fundamental e inseparável do homem.

## **2.2 As novas tendências na educação brasileira atual**

Com a retomada em diversos setores do pensamento liberal e uma tendência mais autoritária de extrema direita que passa o Brasil atualmente, algumas discussões ultrapassadas de cunho educacional voltaram ao debate.

Por exemplo, indagações como qual o valor do estudo das ciências humanas em nossa vida, ou que estas mesmas seria instrumentos ideológicos de esquerda. Não obstante, há movimentos dentro do governo federal que tenta abolir o estudo de diversas áreas como Filosofia e Sociologia, alegando que estas servem como palco para ideologias de cunho marxista.

Neste processo, a literatura também vem sendo atacada. Portanto, para salientar a importância da literatura na vida do estudante e as capacidades de transformação que esta mesma proporciona, devemos refletir o seu ensino e a sua importância acadêmica e na grade curricular do ensino básico.

Na obra *Diálogos com Bakhtin* (FARACO, 2001, p. 145) nos é apresentado um trecho referente a visão de Hilton Ferreira Japiassu, demonstrando como essa visão das ciências humanas incorre neste erro de tentar buscar uma objetificação do homem e uma exatidão dos processos que não cabem dentro das ciências humanas: “As ciências humanas, ao buscar a exatidão e a objetividade, cada vez menos implicam os sujeitos que as praticam. Quanto mais científicas se tornam, mais desumanas se apresentam. (Japiassu, 1990)”

Sendo assim, vale ressaltar a importância da literatura e da área de humanas enquanto liberdade de expressar e manifestar as opiniões e anseios daqueles que se propõem a produzir esta, que acima de tudo é uma arte, dotada de sentimento e propósito de implicar ao leitor a sua voz.

Alguns setores da extrema direita, pensam a educação de maneira técnica, isto é, não é necessário que haja reflexão ou crítica, é necessário que o aluno tenha o mínimo que necessita para sua aprovação e ao final do período

de educação curricular e obrigatória e que este esteja apto para ingressar no mercado de trabalho como “mão de obra qualificada”.

Dentro desta visão, até mesmo o professor não necessita do pensamento crítico, mas sim de um conjunto de técnicas pré-estabelecidas que garantam esses resultados mínimos.

A educação tradicional e a nova têm em comum a concepção da educação como processo de desenvolvimento individual. Todavia, o traço mais original da educação desse século é o deslocamento de enfoque do individual para o social, para o político e para o ideológico. A pedagogia institucional é um exemplo disso. (hooks, 2013, p.35)

Guiados por esse tipo de pensamento ideológico, a educação sofre uma redução no seu propósito de se estabelecer como uma ponte para a libertação do homem, tornando-se um amontado de técnicas e conhecimento que é despejado igualmente sobre uma turma, sem que seja visto a individualidade e o contexto de cada aluno.

A escola, nesta visão, passa a ser uma grande empresa que produz mercadorias em larga escala, não explora a criatividade e o pensamento destes alunos que apresentam enorme potencial, que acaba por ser desperdiçado.

A interdisciplinaridade e o pensamento livre do aluno são essenciais para que desenvolvamos as diversas áreas do conhecimento, inclusive dentro das ciências exatas e, a escola é o principal lugar para desenvolvimento dessas habilidades e construção de uma sociedade moderna, com consciência e sabedoria para se orientar dentro deste contexto.

Idealmente o que todos nós partilhamos é o desejo de aprender, de receber um conhecimento que intensifique nosso desenvolvimento intelectual e nossa capacidade de viver plenamente no mundo. E acreditamos que uma das maneiras de construir a comunidade de sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. (hooks, 2013, p.58)

Dada esta situação em que o Brasil se encontra atualmente, é imprescindível que cada vez mais busquemos elucidar a relevância das ciências humanas e da literatura, refletir sobre o papel da educação na vida do homem é também refletir diretamente sobre a sociedade, sobre políticas públicas, afinal a

educação permeia todos os campos da nossa vida e dialoga conosco a todo instante.

Paulo Freire em *Conscientização* (1979) discute bastante a responsabilidade que o professor precisa ter como parte desse processo de conscientização dos alunos, é através da reflexão da prática pedagógica que o professor poderá orientar este aluno a enxergar as tendências ideológicas que compõem.

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1979, p.15)

Esse é o novo acordar do estudante, faz com que reflita sobre sua própria vida e seu lugar na sociedade, uma vez consciente disto, assume esse papel epistemológico e passa a ter o poder de tomar decisões com base em suas próprias análises da realidade e não está mais ditado pela ideologia dominante que o cerca.

### **2.3 Interdisciplinaridade e pluralidade da Literatura**

Pensamos a literatura como um organismo vivo, uma vez realizada sua produção, ela somente pertence ao autor como parte de sua voz e ao entrar em contato com o leitor ela demonstra uma de suas maiores capacidades, de dialogar com o contexto do leitor.

Por mais que a obra ao ser criada não tivesse essa intenção e tampouco conhecesse o leitor que irá desfrutar de sua obra, quem irá atribuir significado e relacionará as questões levantadas com sua própria história e contexto social, é o próprio leitor.

Acreditamos que a obra literária em si está envolta do contexto do autor que a produz e das personagens que vivem sua história, é indissociável o contexto de sua produção artística.

Ao longo da história podemos perceber diversos destes exemplos. Trazendo para o nosso objeto, a literatura japonesa, podemos ver as mudanças

de tendências nas obras conforme o contexto histórico em que o Japão estava inserido, como a depressão pós-guerra de Yukio Mishima, as composições budistas durante o período Sengoku, ou a literatura de autoria feminina presente no Japão atual erguendo sua voz.

Portanto, a obra é produzida e inserida em um contexto do qual o autor parte e quando esta mesma obra atinge o leitor, dialoga com o contexto do qual este leitor está inserido, mesmo que essa não tenha sido a intenção do autor na sua produção.

Para Bakhtin, não há significado literário externo a comunicação social geral. A literatura reflete, ou melhor, refrata o conjunto do horizonte ideológico do qual ela própria faz parte. Refrata os “discursos” circundantes de outras esferas ideológicas, e por sua vez incide sobre esses outros discursos. (STAM, 1992, p. 23)

O meio social e a escrita do autor estão emaranhados com sua própria história e realidade, esse é o dialogismo em sua essência e, como parte do processo, o texto produzido pelo autor atinge o leitor, que por sua vez está inserido em um contexto diferente, dialogando com este leitor.

Esses diálogos estabelecidos por meio da literatura vão ter como capacidade a expansão do seu domínio intelectual, por mais que a história seja fictícia, um romance de época, certas situações problemas ou abstrações podem ocorrer por parte do leitor, ressignificando e tomando aqueles exemplos dentro de seu próprio contexto, afetando diretamente sua visão sobre aquele tópico.

Essa é a capacidade interdisciplinar, dialógica e social da literatura, tem a capacidade de afetar cada indivíduo de uma maneira única e que não pode ser medida por um observador de fora. Todas as leituras que fizemos e ainda fazemos constituem nosso pensamento e a maneira como enxergamos, a própria produção deste trabalho deriva dos diálogos que se estabeleceram entre este que escreve e os autores que serviram como fonte desta produção.

O leitor é um elemento fundamental de construção no sentido do texto, ao ler ele interpreta, reflete e critica o que leu, gerando novas teses e novas visões sobre as personagens e suas histórias desenvolvidas no texto, gerando criatividade e capacidade de mudança, lembrando sempre que a literatura é acima de tudo uma arte e uma obra de criatividade do pensamento.

Compreendemos que cada leitor com sua singularidade lê os signos sociais a partir de suas próprias experiências. E elas são consideradas importantes para desenvolver o ensino de literatura. Assim, a construção do saber está interligada à junção das formas de se perceber as singularidades de cada indivíduo. (PINHEIRO, 2020, p.58)

Portanto, o sentido do texto é construído conjuntamente por autor e leitor, ambos inseridos em seus determinados contextos, um possibilitou e influenciou na criação da obra literária e do outro lado o contexto que possibilita a ressignificação, a crítica, o diálogo consigo e sua realidade que atribuem sentido ao texto literário.

A leitura estabelece dessa forma um diálogo social que ultrapassa a visão tecnicista ou utilitarista sobre a literatura e seu uso na educação, ela oferece um mar de possibilidades que são construídos nessa troca de informação entre autor e leitor.

Não conseguimos ter dimensão exata dos níveis em que esse texto literário pode atribuir sentido ao leitor, pois cada um é único com um universo particular, capital cultural e vivências distintas. Para cada um a literatura tem um sabor diferente.

Essas características possibilitam que a literatura estabeleça uma conexão com o aprendizado e a educação único, pois suas possibilidades de transformação, atribuir significados e estabelecer diálogos é vasta e profunda, possibilitando vivências novas, o aluno se depara com um universo novo, do qual ele estabelecerá significado e incorporará a sua realidade.

O dialogismo ocorre em todos os âmbitos da vida humana, a leitura, a troca com o professor, o contexto social e a nova visão adquirida pelo leitor, tudo isso está conectado e estabelece um diálogo interno dentro de cada indivíduo, que o modifica e transforma e lhe atribui novos sentidos e uma nova capacidade de enxergar as situações vivenciadas de maneira mais crítica e livre.

Dada essa realidade o próprio ato de aprender a ler já representa uma emancipação do indivíduo perante o meio em que está inserido, pois é a partir da leitura que ele vai compreender o mundo a sua volta, a história, a filosofia entre tantos outros fundamentos que lhe dão a base de seu ser na sociedade.

## Capítulo 2

Neste segundo capítulo veremos o que é a leitura cênica, como esta é aplicada e como ela pode ser introduzida ao ensino de literatura e japonês, possuindo características interdisciplinares e que trabalham diferentes áreas e conhecimentos dos alunos.

Também será abordado a vida do autor Yukio Mishima, criador da peça *Kantan* (Travesseiro dos sonhos) utilizada como base para análise da atividade prática de leitura cênica.

Por último será analisado a peça em si, seu enredo, contexto e estilo, bem como as observações práticas da atividade de leitura cênica, procurando dessa forma responder se esta representa ou não um processo de ensino dialógico e interdisciplinar.

### 3.1 A leitura cênica

O texto teatral assim como o literário, apresenta uma riqueza de personagens, diálogos e histórias incríveis, originalmente esse texto serve de orientação para o ator que representará aquele papel no palco e dará vida as suas feições e sentimentos agora podendo ser personificados através do ator.

Outra arte também desenvolvida a partir dos textos teatrais é a leitura cênica, que consiste numa leitura que dê voz ao personagem. Na leitura cênica o texto está na mão do ator-personagem, ou seja, deve se ater a todas as descrições contidas no texto teatral para pôr voz e vida ao personagem. Isto é, transmitindo sentimento e atuação através da voz do leitor e, portanto, não é uma leitura comum, é uma leitura que necessita da técnica e prática da atuação presente também no teatro.

A leitura cênica, como proposta na atividade de extensão da Professora e Coordenadora Kimiko Pinheiro, atividade esta que os encontros foram observados e analisados para fins de colaborar com a elaboração deste trabalho, constituem uma atividade social, na qual a interação dos alunos e a construção desta leitura cênica, que leva em conta as particularidades do sujeito leitor e sua maneira única de se relacionar com o texto, construindo uma unidade de sentido própria.



Os participantes do curso de extensão foram alunos de graduação em letras japonês, que se inscrevem voluntariamente pelo interesse em participar da atividade. Uma vez ingressos no curso de extensão começam a se inteirar do processo de leitura cênica, texto e personagens, para a construção da atividade.

Podemos interpretar que essa leitura cênica nada mais é do que a junção da teoria e prática literária. Há através desta atividade uma continuidade do texto, uma exploração e interpretação por parte dos alunos que é única e transcende a simples leitura rápida e despreziosa, embora ainda haja a análise do texto e seu sentido, há também o sentimento do leitor que aqui é aflorado e estimulado.

Um dos pilares da educação é o diálogo, como abordado anteriormente, é o encontro de ideias dentro da sala de aula e na literatura que exerce um processo dialógico que vai de encontro ao aprendizado. Portanto, a leitura cênica pode ser interpretada como um dialogo reproduzido, que dialoga tanto com o leitor como com aquele que interage no dialogo da cena.

Esse processo dialógico definido nas palavras de Pinheiro (2020) que conduz e supervisiona esta atividade:

Portanto, observamos como o fenômeno dialógico está presente na educação, em sala de aula mais especificamente, que é o lugar do diálogo proposto de maneira a realizar-se coletivamente, mediado pela voz literária e experimentado no corpo. Assim, propõe-se uma leitura cênica do texto teatral nesse espaço emaranhado de vozes dos sujeitos sociais, dando voz ao corpo e à materialidade do texto. Nesse sentido, tratamos 55 questões da educação literária no viés dialógico, por meio do qual buscamos dar escuta e voz aos sujeitos participantes ativos constituídos de corpo, alma e mente. (PINHEIRO, 2020 p. 54)

Essa leitura cênica se difere de uma leitura em voz alta somente, pois como necessita da voz do outro e lhe atribui a sua leitura sentimento, interpretação, há um dialogo com o texto que é produzido por meio do leitor, se transformando em algo maior do que somente uma leitura despreziosa ou prática pedagógica de enunciação do texto, passa a ser um ato social, que intercala sentimentos, saberes, vivencias e expande as possibilidade de leitura e interação com o outro que contracena.

De acordo com Pinheiro (2020, p.42):

A ideia do texto literário possivelmente cria forma primeiro na mente do autor-criador, e depois o leitor complementa essas ideias a partir de seu imaginário. Por isso, ao estudar a formação literária do educando, é necessário também refletir sobre a posição do sujeito leitor. O leitor, elemento imprescindível à construção dos sentidos do texto, pode viver a história narrada a partir de seu contexto, “carregando” as ideias do autor para seu mundo imaginário, que muitas vezes pode ser acessado pela arte de forma geral e pela literatura de forma particular em nosso contexto.

Sendo assim, por meio desta leitura cênica, o leitor, como dito antes, que é um elemento fundamental de construção no sentido do texto, agora representará ainda mais esta parte, tornando-se coautor do sentido do texto. Uma vez que, através de sua leitura dará vida a esta personagem, a maneira como ele enxerga esse personagem, atribuindo sentimento, entonação na voz, o leitor determina que tipo de personagem será, alterando o texto nesse processo de construção.

A leitura cênica como proposta na atividade de extensão realizada, nos oferece um bom exemplo de como o dialogismo e a prática literária podem contribuir para essa educação de interdisciplinar e dialógica.

No contexto da educação, a leitura cênica muito nos interessa, visto que favorece a ampliação das formas de praticar a leitura e das referências de mundo, ao permitir que se trabalhe, simultaneamente, com diversas linguagens (escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, fotográfica), possibilitando vivências éticas e estéticas no grupo e novas impressões ou operações cognitivas. (PINHEIRO, 2020 p. 120)

Ao propor que os alunos leiam a peça de Mishima, *travesseiro dos sonhos*, cada aluno assume um papel presente na peça. A partir de então, com a leitura em texto original japonês, constroem a voz desse personagem e realizam uma leitura cênica.

Podemos então observar aqui diversas competências sendo trabalhadas em uma única atividade, a começar pela leitura do texto original em japonês, os alunos necessitam praticar sua leitura em japonês, pesquisando novos ideogramas, vocabulários e se deparando com construções frasais não antes vistas por eles. Nesse processo há um progresso deste aluno em suas competências linguísticas do japonês, como leitura, interpretação e vocabulário.

Após a leitura do texto de forma pessoal e silenciosa, temos a explanação dessa leitura com voz alta e de maneira encenada, realizando o que definimos como leitura cênica e explicado anteriormente, trabalhando a oralidade desses alunos e suas expressões. Aqui a voz ganha forma e vida, exigindo do aluno memorização, interpretação, além de desinibir o aluno para falar em japonês.

A leitura cênica, caracterizada por ser uma leitura pública, divulga a voz de escritores, dramaturgos e poetas, como também, e principalmente, a voz do leitor, ao revelar suas próprias singularidades na maneira de dizer e compreender o texto em mãos. (PINHEIRO, 2020, p. 122)

Do ponto de vista literário, esses alunos dialogam a todo momento com o texto de Mishima e principalmente com suas personagens, a partir do momento em que interpretam e que escolhem como vão lhe atribuir sentimentos e uma voz real, realizando interpretações diversas, que serão únicas para cada leitor, a escolha dessa voz já indica que esse processo ocorreu e há uma tentativa de se enxergar dentro daquela história vivida pela personagem interpretada.

A leitura cênica abrange em sua prática uma dimensão social, ética e estética, porque demanda a presença da voz do outro e requer a contribuição de outras linguagens e sensibilidades. Por seu aspecto de compartilhamento, demanda também emoção, cognição, gosto por leitura etc. (PINHEIRO, 2020 p. 122).

Essa troca de experiências entre os alunos, que se ajudam e colaboram para a construção dos personagens e dessas vozes, apresenta a possibilidade de a leitura cênica tornar-se esse âmbito social, onde essas habilidades são trabalhadas e contribuem para os alunos produzirem esses novos conhecimentos e aprimorarem aqueles que já possuem.

Podemos concluir, portanto, que a leitura cênica exerce de maneira eficaz esta interdisciplinaridade e educação dialógica, ao fazer com que estes alunos dividam um espaço de fala e enunciem suas vozes por meio do texto literário, repleto de emoção, interpretação e personalidade, trabalhando competências linguísticas da língua estrangeira, neste caso o japonês, mas também trabalhando a interpretação textual, o emocional e a oralidade dos alunos.

Sendo assim, essa atividade literária pode ser expandida e utilizada numa proposta interdisciplinar, que trabalhe diferentes características com os alunos,

sendo possível realizar adaptações para outros temas, incluir diferentes peças, de outros idiomas e até peças nacionais.

Além dos fatos anteriormente citados, podemos também incluir aqui o valor artístico de manter viva uma tradição teatral com os alunos, para que despertem esse lado da sensibilidade da arte, que assim como definido por Paulo Freire, também é um caminho para a humanização e conscientização do estudante.

Possibilita uma vida para o teatro fora de seu espaço natural, conforme define Pinheiro (2020):

Com relação ao espaço de encenação, a leitura cênica possibilita instalar o teatro em ambientes mais variados do que tradicionalmente ocupa. Isso propicia ao público sair do lugar de atitude contemplativa e assumir uma posição participativa e responsiva. (PINHEIRO, 2020, p.122)

Através dessa atividade o aluno pode desenvolver novas habilidades e anseios, como a produção literária, o gosto pela literatura, uma profundidade de interpretação e análise do texto, bem como um maior apreço pela língua estrangeira da qual está se desenvolvendo a leitura.

### **3.2 Yukio Mishima: Autor e obra**

Começamos abordando a vida do autor Yukio Mishima, autor renomado na literatura japonesa e mundial, possuía uma personalidade distinta e foi uma figura intrigante na história da literatura japonesa, com um relacionamento com seu país, sexualidade e opiniões políticas que confrontavam o senso comum de sua época.

Nascido em Tóquio em 1925, o autor, poeta e dramaturgo Hiraoka Kimitake que mais tarde adotaria o pseudônimo de Yukio Mishima, teve uma infância complicada e conturbada, separado de seus pais e criado por sua avó, voltando a viver com os pais somente aos 12 anos de idade.

Seu pai completamente contrário aos seus anseios de se tornar um escritor fizeram que ele utilizasse o pseudônimo de Yukio Mishima para continuar a escrever sem que seu pai descobrisse.

Em seu livro *Confissões de uma máscara* (2004), que é considerado uma autobiografia de Mishima, revela muitas das situações que vivenciou na infância e como estas o impactaram.

Considero esse romance a melhor coisa que Mishima escreveu. Mais do que qualquer outra obra, fornece a explicação de sua personalidade e da educação que recebeu – uma descrição cristalina de seu lado estético. (STOKES, 1974, p. 64)

Sem dúvida um destes fatos de maior importância relatados, foi ter vivenciado a segunda guerra mundial, chegando a ser recrutado, mas ficando fora das linhas de frente do combate devido aos seus problemas de saúde e inaptidão física.

Deixa implícito também nesta obra ser homossexual e como necessitava utilizar uma “máscara” no sentido metafórico para esconder da sociedade sua verdade. Mishima aparentava, dados os relatos em sua obra, ser um grande nacionalista e admirador do império japonês, sendo favorável as causas da guerra e aos objetivos do Japão imperial durante o conflito.

Com a derrota do Japão, Mishima não aceitava a “humilhação” que o Japão e o imperador estavam passando e chegou a recrutar um grupo nacionalista, querendo promover um golpe de estado e a retomada do poder imperial, marchou com seu grupo e tentou persuadir os soldados da necessidade da tomada do poder.

Após ter sido completamente ignorado pelos soldados, cometeu suicídio que já planejava a um bom tempo, a fim de chocar a sociedade, realizando o “*Seppuku*”, ritual tradicional de suicídio que realizavam os samurais, no qual cortam o próprio ventre.

Mishima escreveu na manhã do dia anterior ao seu suicídio: “A vida humana é finita, mas eu gostaria de viver para sempre” (KUSANO, 2005).

*Confissões de uma máscara* mostra a origem de uma ideia romântica que incide diretamente na decisão eventual de cometer suicídio: noção de que a beleza definitiva consiste na morte violenta, sob a condição de que ocorra em plena juventude. Essa ideia é tipicamente japonesa e reaparece com frequência na literatura clássica do país. (STOKES, 1974, p. 64)

A morte para Mishima parecia ser um ideal, um fim belo e forte que impactasse as pessoas.

Mishima inspirou e moldou a literatura japonesa de sua época, com obras que alcançaram o sucesso global e sua obra vive até hoje e continua a dialogar com leitores japoneses e estrangeiros.

Podemos perceber também com a obra de Mishima como o contexto influi diretamente sobre o autor, dialoga com ele e produz um novo sentido que é único, as situações vividas na infância, o contexto pós-guerra do Japão derrotado, influenciaram completamente suas obras e possibilitaram que estas também dialoguem conosco sobre esse período vivido por Mishima. Como o próprio autor descreve em seu livro *Confissões de uma máscara*:

A guerra havia provocado em todos nós uma maturidade sentimental muito estranha. Isso provinha da ideia de que a vida era uma coisa que acabaria de repente, quando estivéssemos com vinte e poucos anos; nem sequer considerávamos a possibilidade de existência de qualquer futuro além do tempo escasso que ainda nos restava. [...] sonhos fantasiosos da jornada que teria pela frente [...] a visão imaginária do lugar que estava destinado no mundo e a linda noiva que ainda nem conhecia, as minhas esperanças de glória. [...] descobri nela uma volúpia infantil e, apesar de rodeado de morte e destruição por toda parte, não abria a mão dos castelos no ar, em que me supunha fora do alcance e do risco de qualquer tiro. Estremeci de estranho prazer ante a ideia de minha própria morte. Parecia que o mundo inteiro era meu. (MISHIMA, 2004, p. 81)

Aqui já podemos notar o apreço que Mishima tinha por esse sentimento nacionalista, a visão gloriosa de morrer pela nação e como via na violência uma solução para os problemas encontrados.

Esse patriotismo ficou ainda mais extremado com a derrota do Japão na segunda guerra, que não era aceita para Mishima, que ainda via o Imperador como um homem a ser venerado e que deveria ter poderes absolutos no país.

Este contexto pós-guerra influenciou o Japão como um todo, houve uma certa depressão por parte da sociedade com a derrota, não somente uma depressão moral, como uma depressão econômica e o colapso de diversas cidades bombardeadas e destruídas pela guerra devastadora.

Esse sentimento permeou toda a sensibilidade estética japonesa nos anos seguintes, com produções mais melancólicas e que tendiam a ver o Japão numa descendente catastrófica, semelhando ao contexto budista “*Mappo*” que interpreta que o mundo está infectado pelo karma negativo, causando grandes catástrofes, guerras e sofrimento a humanidade, este conceito já havia sido utilizado e influenciado o pensamento japonês em outros períodos de conflito e desunião nacional, como no período medieval, com as guerras do xogunato em busca de consolidação de um poder central e ditatorial.

Portanto, o contexto influi diretamente naqueles que se aventuram a produzir a arte, como a própria literatura, assim como influi diretamente naquele que a vivencia, a geração que experenciou a segunda guerra mundial tinha um relacionamento completamente diferente com as obras de Mishima, bem como as de outros autores que expressavam esse sentimento.

Mishima foi um escritor intenso e sanguíneo, seus livros e textos teatrais continham essa paixão que ele possuía pela arte e pela literatura, cultivados desde muito cedo, as situações que vivenciou em sua vida moldaram este pensamento nacionalista e patriótico pela nação japonesa, mas não lhe afastaram da sensibilidade que tinha para a escrita e a literatura, esta paixão ainda dialoga conosco leitores e somos convidados a refletir sobre esse período e suas obras complexas.

### **3.3 A peça *Kantan* (Travesseiro dos Sonhos)**

A peça *Kantan*, uma das obras produzidas por Yukio Mishima, é trabalhada na leitura cênica conduzida pela coordenadora do curso de extensão Pinheiro, convém aqui analisar seu conteúdo e como a sua prática dialoga com os estudantes que realizam sua leitura cênica.

A obra *Kantan* faz parte de uma adaptação de uma peça de teatro clássico Nô japonês, como nos esclarece Pinheiro (2020) em sua tese, de mesmo título datada do século XV por volta do período Muromachi (1337-1568). A peça escrita por Mishima é de 1950 e foi encenada pela primeira vez em dezembro do mesmo ano em Tóquio.

Convém aqui, portanto, abordar brevemente do que se trata o teatro Nô clássico do qual essa peça foi adaptada. O teatro Nô é uma das mais antigas artes e representações japonesas realizadas no teatro, composta por atuação, canto, música e poesias.

As peças ocorrem em um cenário que se compõe de elementos simbólicos representando a natureza, a transcendência, a vida terrena, mesclando elementos do real e sobrenatural. Em geral, o protagonista utiliza uma máscara e as peças possuem um ritmo lento e cadenciado.

A história das peças estão ligadas quase sempre a temas espirituais, onde o mundo terreno é conflitado com o mundo espiritual, abordando temas transcendentais, rituais e uma visão do mundo através dessa ótica do sobrenatural, portanto está ligada diretamente ao sistema de crenças japonesa, bem como suas religiões e mitologia.

Por ser uma cultura secular em um país tradicional e conservador, o Nô é tratado como um patrimônio cultural do Japão, devido a sua importância e destaque na arte japonesa, portanto é tratado com muita seriedade pelos atores e pelo público, sendo assim as peças são conduzidas sempre de maneira rígida e com o mínimo erro possível dos movimentos e da presença de palco, para isso os movimentos são estudados e essenciais para a condução da peça.

Devido a esse tradicionalismo e por ser uma arte teatral secular, era comum que famílias se estabelecessem como alicerce dessa arte, passando para suas futuras gerações as técnicas e também a liderança sobre aquela companhia de teatro, como ressalta Pinheiro (2020) em sua tese:

Na tradicional cultura japonesa, a descendência familiar faz perdurar as profissões e as artes. Nesse sentido, os filhos de atores seguem a carreira dos pais, o que justifica a permanência secular de uma arte tradicional japonesa. E, quando aparecem inovações ocidentais relacionadas a dramatização de cena, iluminação, cenário etc., os dramaturgos tradicionais aprendem a conviver com a arte moderna. (PINHEIRO, 2020, p. 76)

As *peças de Nô moderno* de Mishima foram, talvez, mais uma necessidade de se adaptar aos novos tempos e demandas do público do que uma superação artística e mudança cultural. O Nô clássico é presente no Japão e possui grande valor para a sociedade japonesa.



Consagrado Patrimônio Cultural da UNESCO em 2001 pela sua reputação artística internacional, o teatro Nô subsiste como testemunha viva dos primórdios do teatro japonês e da sofisticação artística do Japão dos séculos XIV e XV. Trata-se de um gênero teatral proveniente de rituais de devoção divina, nomeadamente agradecimentos por uma boa colheita, e que cruza dança, canto, pantomina e música. (PASCOAL, 2015, p. 67)

Vale ressaltar logo de início, que o teatro Nô, incluindo o Nô clássico em tempos remotos no Japão, já valorizava a presença do público, com o entendimento de que a plateia constrói a peça conjuntamente com os atores, pois suas reações e interpretações da peça é que lhe dão sentido, sendo assim já há um processo dialógico ocorrendo dentro da realização da peça teatral.

As criações de Mishima, *peças de Nô moderno*, mantiveram a essência do Nô tradicional, essa relação do real e espiritual, bem como o cenário no qual a peça se constitui, as maiores mudanças se deram as novas tecnologias adotadas e um encurtamento da duração destas peças.

A peça na versão de Mishima, inicia com as viagens do protagonista Jirô, que possui 18 anos e está preocupado que o fim de sua vida está próximo. Jirô sai nesta viagem em busca de um travesseiro misterioso que havia sido deixado por um hóspede, na terra natal de sua ex-professora Kiku. Travesseiro cujo qual ele descobre a existência por um homem vestido de Charles Chaplin que mais tarde se revelará ex-marido de Kiku.

A peça é recheada de símbolos e alusões ao mundo real, distante da fantasia, o próprio fato de haver um personagem vestido de Charles Chaplin, nos trás a memória a sátira de tempos modernos tão famosa produzida por este. Mais tarde na peça descobrimos que Kiku sempre tentas recriar o quarto de Jirô que havia sido queimado em um grande incêndio, lembrando o contexto de segunda guerra mundial vivido na época em que a peça foi escrita.

Jirô afirma a todo momento na peça que apesar de seus 18 anos já conheça a sua vida por completo e afirma o vazio da existência humana. Essa ideia muito provavelmente é proveniente do budismo, do qual Mishima também era um fervoroso seguidor e traz para peça na construção de seu personagem Jirô, para ele todas as coisas materiais, relacionamentos e prazeres não querem dizer nada, são vazios em sentido.

Ao adormecer no travesseiro, Jirô também é levado ao mundo dos sonhos proporcionado pelo item mágico, mas a todo momento ele desdenha ou confronta os pensamentos que o travesseiro lhe traz, demonstra um total desapego, inclusive por sua vida, não podendo desta forma ser levado por este mundo de sonhos idealizado pelo travesseiro.

Jirô: Ah, sim, se é isso, nada vai me surpreender. As mulheres são bolhas de sabão, dinheiro também é bolha de sabão, também o prestígio e o que se reflete nessas bolhas de sabão é o mundo em que vivemos, bah! Todos sabem disso. (PINHEIRO, 2020, p.11)

A todo momento Mishima brinca com o leitor com esta dualidade, o sarcasmo, a contradição que o texto traz e também explora essa questão do desapego, como quando Jirô afirma que não quer viver e lhe é sugerido tomar veneno, mas ele atira o frasco e afirma não querer morrer, essas contradições e essa ironia do personagem são apresentadas a todo momento.

Neste ponto podemos observar as características do autor presentes também em sua obra e como dialogam com sua vida. Mishima era budista fervoroso, juntamente com seu lado nacionalista e conservador sobre seu país.

O próprio desdém pela vida, se assim pudermos definir, apresentado pelo personagem Jirô, parece passar pela maneira que Mishima enxergava sua própria vida. Para ele havia coisas mais importantes a serem mantidas do que sua vida, como por exemplo o valor da beleza, do estético ou até mesmo do espiritual se olharmos para suas crenças budistas, seu suicídio foi uma demonstração desse sentimento de desprendimento do material.

Dentro da filosofia budista, o desapego das coisas mundanas é um dos pilares da crença e dos objetivos a serem alcançados na vida espiritual, em diversos textos, japoneses ou não, é comum encontrar citações que o desapego ocorre inclusive para a figura de si mesmo, chamada de ego e por sua extensão, a própria vida carnal que é ilusória e recheada de sentimentos.

Outros elementos estéticos que podemos observar na peça, é a valorização do imperfeito, do passageiro, esses conceitos também se relacionam com questões estéticas budistas, mas estas permeiam a vida e a cultura do

Japão como um todo no geral, podemos destacar por exemplo o conceito de *Wabi e Sabi*, como muito bem colocado por Pinheiro:

*Wabi e Sabi* compõem uma visão estética do mundo que aceita a transição e a imperfeição de todas as coisas. Esse conceito deriva de uma raiz no zen-budismo e, como este, furta-se a definições precisas por meio de palavras. (PINHEIRO, 2020, p. 94)

A própria ideia do travesseiro que idealiza os sonhos traz essa noção de efemeridade para o contexto da peça, afinal o que o travesseiro proporciona e apresenta não é real, são sonhos e ilusões projetados por aquele que dorme nele, sendo assim, tudo aquilo é passageiro, ao acordar a vida volta a realidade e tudo que foi experienciado desaparece. “Kiku: Todos os homens, quando despertavam, achavam este mundo sem graça e nem me davam bola.” (PINHEIRO, 2020, p.11)

Na concepção budista japonesa, principalmente da escola Zen, esta também é a nossa vida nesta existência, nos prendemos a ilusões e prazeres momentâneos, sem nos atermos a realidade que nos circunda e ao fazer isso sofremos, pois sempre idealizamos e depois nos deparamos com a realidade que difere do sonho.

Podemos interpretar a personalidade do personagem Jirô, consonante com a personalidade do autor Mishima, que traz estes conceitos estéticos do budismo, bem como essa referência histórica ao Nô clássico.

Há um processo dialógico a ser ressaltado, em que o autor se funde a sua obra e compartilha experiências através de seu personagem, a marca do autor está viva e presente, talvez ao primeiro contato não seja tão perceptível ao leitor, mas conhecendo suas obras e um pouco de sua vida, conseguimos extrair essas informações.

Observamos que nesta peça os personagens passam a todo momento por essa desconstrução do humano, bem como essa interação com o não humano, o sobrenatural.

Podemos perceber uma filosofia aqui, do desapego, do vazio, sobre o que constitui a existência e a vida para estes personagens e ao tentar responder

estas perguntas que são extremamente complexas, nos entrega a dualidade, o sarcasmo, que são próprios do humano.

Para Mishima, a arte não pode ser compreendida como a representação do mundo dos sonhos, onde o tempo e a beleza são elementos explorados de maneira inigualável a qualquer outra arte. Segundo opinião do próprio Mishima, são as narrativas apresentadas com as performances refinadas dos atores que causam o insólito a ele pela genuinidade e pureza, sem influências das técnicas teatrais contemporâneas. (PINHEIRO, 2020, p.87)

Por isso, a obra de Mishima se relaciona com o tempo contemporâneo, enquanto ainda abrange essa questão metafísica do sonho, do espiritual e do imaginário, a peça como descrita anteriormente busca por um objeto mágico, um travesseiro, que conduz a um mundo de sonhos idealizado, fazendo justamente esse processo de real e abstrato se relacionando, o mundo dos sonhos e o mundo real.

### **3.4 Observações Práticas sobre a Leitura Cênica da Peça *Kantan***

A atividade de extensão e projeto de leitura cênica da peça *Kantan* (Travesseiro dos sonhos), organizada e idealizada pela Professora Coordenadora Kimiko Uchigasaki Pinheiro, ocorreram em encontros semanais, todas as segundas-feiras às dezesseis horas, durante todo o segundo semestre letivo de 2021. Os alunos se reuniam online pela plataforma *Microsoft teams*, e ensaiavam suas vozes e leitura do texto com os colegas.

Há de ser ressaltado a dificuldade que a pandemia e o ensino remoto implicaram para o projeto, a ideia de uma apresentação presencial precisou ser descartada e os encontros online embora funcionem como alternativa, não possuem aquele contato mais direto que a modalidade presencial permitiria para o relacionamento dos alunos e a sua atuação.

Durante este semestre estive junto ao grupo de estudantes, participando e observando seus encontros semanais, enquanto buscava realizar minha pesquisa e observar os pontos de maior relevância na atividade e identificar os aspectos dialógicos presentes.

Devido a oportunidade de participar das atividades semanalmente junto aos atores-leitores, pude também conversar com estes e observar seus sentimentos e impressões em relação a atividade de extensão.

Atualmente no projeto há 6 alunos regulares que comparecem em todos os encontros, estes alunos dividem os papéis dos dois primeiros capítulos entre si, fazendo com que cada um desempenhe um personagem diferente.

Inicialmente para que esse projeto fosse possível, é feito uma análise dos alunos que ingressaram no projeto de extensão, após se matricularem livremente, há uma conversa afim de averiguar qual nível de japonês possuem, em que semestre estão, se já há alguma experiencia com literatura japonesa ou não, bem como o contato com textos teatrais, ou alguma outra obra de Yukio Mishima.

Esse processo é muito importante para que possa instruir e ajudar o aluno corretamente, sendo assim, o orientador da atividade já estabelece uma relação e um diálogo com este aluno, vinculo que será mais trabalhado ao longo da realização do projeto.

Feita esta primeira análise, os alunos colaboram entre si para gerar uma transcrição textual da peça original em japonês, para que facilitasse a leitura, uma vez que não são japoneses nativos e não dominam completamente a língua, facilitando assim também a memorização de suas falas.

Nesse processo há o que havia sido definido como evolução das competências linguísticas do japonês, já que o texto é desmembrado, traduzido e transcrito, para que haja uma compreensão do que está sendo dito e que se possa habituar-se a leitura. Trabalhando muito com os vocabulários, ideogramas, leitura e entonação das palavras.

Uma vez feita essa transcrição do texto original, é iniciado debates para compreender o sentido do texto, qual fora a intenção do autor com determinado personagem, o porque das ações das personagens e assim por diante.

Aqui compreendo que há o processo dialógico que tratamos anteriormente, uma vez que, o aluno passa a imergir dentro do texto do autor,

tenta assimilar e reproduzir essas emoções em sua fala, produzindo um diálogo com o autor e também com o outro estudante que contracena com ele.

Importante salientar que a atividade é sempre realizada em conjunto e esta parte em específico é de grande importância para o trabalho, uma vez que queremos analisar os processos dialógicos que podem estar presentes na atividade, como explicado na tese de Pinheiro (2020):

O teatro é o lugar de produção em conjunto: ator, diretor, espectador, membros outros das encenações, todos são responsáveis por agir diante do outro. Vale ressaltar, no âmbito desta tese, por se tratar de um trabalho de criação coletiva, que diretor, ator e espectador são considerados “corpos” do coletivo, motivo pelo qual utilizamos os seguintes termos para designá-los: diretor-educando, ator-educando, espectador-educando, educadora-diretora-coordenadora-pesquisadora etc. Ou seja, são corpos do coletivo que se figuram e se desfiguram o tempo todo para lidar com as questões que surgem no decorrer da leitura cênica. (PINHEIRO, 2020, p. 131)

Portanto, todos os alunos fazem parte do processo de criação da peça, não há uma figura autoritária que imponha aos alunos como devem exercer seus papéis, mas sim diálogos, buscando sempre ajudar o estudante a encontrar seu melhor.

Assim como definido por bell hooks (2013, p.21-22), o próprio ato de educar está inserido dentro de uma prática teatral, podendo transformar e atribuir papéis aos estudantes que antes não haviam sido acessados por eles mesmos.

Durante o processo de leitura do texto teatral, há uma conversa e uma orientação no sentido de buscar encontrar a melhor maneira de doar voz para determinada personagem e depois há a prática em conjunto, onde cada um exercita suas falas e interage com o outro.

É um ambiente livre de pressão, há sempre toques e conselhos a serem atribuídos para cada leitura e cada estudante, porém, sempre feito de uma maneira com muito respeito e sem impor ou expor o aluno, portanto, ficam cada vez mais relaxados, por estarem mais soltos e livres para falarem e se expressarem sem julgamento.

Devido a pandemia de Covid-19 que ainda nos assola em 2021, a apresentação final desta leitura cênica por parte dos alunos teve de ser alterada para um processo de gravação em áudio.

Nos encontros em que se debatiam a maneira de realizar esta atividade, algumas possibilidades foram escolhidas e ampliaram o horizonte de ideias e capacidade dos alunos, foi sugerido por exemplo que houvessem desenhos retratando as cenas, para deixar a atuação e a gravação do áudio mais viva para que acompanha a peça, tendo em vista que não estarão vendo os alunos-atores encenando suas vozes.

Foi apresentado como ideia pelos próprios alunos também que este áudio gravado com as falas de cada um passasse por um processo de edição, adicionando música, efeitos sonoros e transformando, desta forma, a experiência da leitura cênica como um todo.

Por fim, esta parte de edição e mixagem do áudio das gravações de leitura, são o último passo para a apresentação dos alunos, que se dará também de maneira remota durante a semana universitária e poderemos observar o produto de todos esses processos aqui descritos.

Aqui novamente é possível observar o processo dialógico em sua essência ocorrendo, os alunos passam a trabalhar com novas formas e ferramentas para lidar com as adversidades que a prática não presencial havia imposto sobre o grupo, portanto, trabalham com a informática, edição e conseqüentemente passam a se envolver ainda mais no projeto, pensando no todo e na qualidade artística que pretendem apresentar esta experiência ao público.

O projeto se apresenta totalmente interdisciplinar, ao passo que, se envolve e trabalha diferentes habilidades e soluções coletivas por parte dos alunos, algo que também é muito interessante, é essa autonomia que os alunos possuem, de definir metas, estabelecer padrões, fazer sugestões e criar soluções para colaborar com o projeto como um todo.

Diante disso, podemos afirmar que é na dinâmica dos jogos de leitura no coletivo que se faz a escuta do outro. Isso propicia a exposição das características únicas do outro (e as próprias), expostas pelas sonoridades das vozes, pelas experiências de

leitura, pela postura diante das facilidades ou das dificuldades etc. Temos, ainda, os desvendamentos de ideogramas do texto, os ritmos, as entonações, as interpretações dos símbolos estéticos-artísticos da escrita do autor, entre outros elementos. Consideramos que todos esses aspectos da linguagem são internalizados pela própria vivência com saberes de outros, os quais podem ser manifestados e compartilhados nesses encontros. (PINHEIRO, 2020, p.137)

A leitura cênica é uma incrível experiência, abrange muitos temas e áreas do conhecimento, trabalha diversos aspectos e competências dos alunos, ao fim desta experiência de observação prática, não me restam dúvidas que esta prática estabelece um caminho possível para a prática interdisciplinar e dialógica no âmbito educacional, podendo ser explorada das mais variadas formas possíveis.

A realização desta atividade, conjuntamente com o esforço exercido pelos alunos para conclusão deste projeto, conclui ao meu ver que, a leitura cênica pode se estabelecer como um caminho para o ensino dialógico e interdisciplinar, estas experiências tem a capacidade de transformar estes alunos, seu senso crítico, artístico e educacional.

#### **4. Considerações Finais**

É possível concluir, dado o decorrer deste trabalho, que a educação, bem como a literatura representam papéis de fundamental importância no desenvolvimento do aluno e de sua consciência enquanto parte da sociedade.

A literatura pode romper fronteiras, que estimulam o pensar e o refletir para além do contexto e realidade social do aluno, esse fator tem a capacidade de transformá-lo e levar a reflexões que engrandecem e humanizam o indivíduo.

Portanto, concluo com base nas perguntas levantadas por este trabalho e pesquisa, que a literatura é imprescindível ao contexto escolar e acadêmico, podendo ser utilizada por professores das mais variadas áreas do conhecimento, dada sua capacidade interdisciplinar e de conexão com o leitor, além de uma arte, é sem dúvidas uma extensão do intelecto humano, capaz de se conectar, criar novas ideias e teorias, inspirar e instigar os alunos, sendo assim, é fundamental que a literatura seja valorizada e apreciada.



Enquanto professores, podemos ver através das teorias e ideias de Bakhtin e dos demais autores como Paulo Freire e bell hooks aqui realçados neste trabalho, a importância da educação ser inclusiva, devemos refletir nosso papel como professores neste sentido, se estamos de fato dando oportunidade aos alunos para serem eles mesmos e se desenvolverem de maneira saudável, visando seus diferentes contextos e realidades das quais estão inseridos e são diretamente afetados por elas.

Enxergo que esta pesquisa e trabalho enriqueceram o meu olhar para a docência e experiência acadêmica, a riqueza que os autores aqui consultados e citados anteriormente trazem para o campo educacional são de muita relevância e conduzem a reflexões profundas sobre o que é educar.

Por último, creio que a parte de maior dificuldade deste trabalho, foi ligar as teorias aqui pesquisadas com a observação prática da atividade de extensão de leitura cênica, mas concluí após este período que a leitura cênica apresenta um caminho possível para uma educação dialógica e interdisciplinar, trabalhando diferentes fundamentos e competências com os estudantes, que abraçaram e se doaram ao projeto.

As teorias de Bakhtin e suas contribuições para a educação são enormes, ainda há muito o que ser estudado e pesquisado, anseio com este trabalho ter realizado um pontapé inicial nesta caminhada que é a docência.

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Segunda edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões da literatura e de estética: A teoria do romance**. Quinta edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave** - Interdiscursividade e intertextualidade. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Diálogos com Bakhtin**. Paraná: Editora UFPR, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez Editora, 1989.

HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. São Paulo: Editora Edições 70, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JAPIASSU. **O estatuto epistemológico das ciências humanas**. Rio Janeiro: UFRJ, 1990.

KUSANO, Darci Yasuco. **Yukio Mishima: o homem de teatro e de cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PASCOAL, Samuel Filipe Gomes. **A Espada e o Crisântemo: para uma aproximação ao Nô Moderno em Yukio Mishima**. 239f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Teatro) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2015.

PINHEIRO, Kimiko Uchigasaki. **Educação literária com teatro: Leitura cênica do travesseiro dos sonhos uma peça das peças do Nô moderno de Yukio Mishima**. Brasília: Tese de Doutorado, 2020.

PINHEIRO, Kimiko Uchigasaki. ***Kantan* – Travesseiro dos sonhos de Yukio Mishima**: Uma proposta de tradução. Brasília: Revista Sala Preta Vol. 20, 2020.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária a cultura de massa**. São Paulo: Editoria Ática S.A, 1992.

STOKES, Henry Scott. **A vida e a morte de Mishima**. 2. ed. Tradução de Milton Pedro Persson. São Paulo: L&PM Editores, 1974.

MISHIMA, Yukio. **Confissões de uma máscara**. Tradução de Jaqueline Nabeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.